



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

MATEUS HENRIQUE DA SILVA RICARTE

**IDENTIDADES FEMININAS NA OBRA DE JORGE AMADO: UMA
ANÁLISE DE “*TERRAS DO SEM-FIM*”**

**PATU/RN
2025**

MATEUS HENRIQUE DA SILVA RICARTE

**IDENTIDADES FEMININAS NA OBRA DE JORGE AMADO: UMA
ANÁLISE DE “*TERRAS DO SEM-FIM*”**

Artigo Científico apresentado como requisito de avaliação da disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti, do Curso de Letras, no Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Antônia Sueli da Silva Gomes

Linha de Pesquisa: Literatura Brasileira

**Patu/RN
2025**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

R488i Ricarte, Mateus Henrique da Silva
Identidades femininas na obra de Jorge Amado: uma análise de "terras do sem-fim". / Mateus Henrique da Silva Ricarte. - Patu/RN, 2025.
18p.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Sueli da Silva Gomes.
Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Terras do Sem-Fim. 2. Ester. 3. Don'Ana Badaró. 4. Sociedade rural. I. Gomes, Antônio Sueli da Silva. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

MATEUS HENRIQUE DA SILVA RICARTE

**IDENTIDADES FEMININAS NA OBRA DE JORGE AMADO: UMA
ANÁLISE DE “*TERRAS DO SEM-FIM*”**

Artigo Científico apresentado como requisito de avaliação da disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti, do Curso de Letras, no Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Aprovado em: 19/11/2025.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIA SUELI DA SILVA GOMES**
Data: 20/11/2025 22:03:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Antônia Sueli da Silva Gomes (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 **ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO**
Data: 21/11/2025 16:36:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Annie Tarsis Moraes Figueiredo Universidade
do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 **SANZIO MIKE CORTEZ DE MEDEIROS**
Data: 22/11/2025 07:17:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Sanzio Mike Cortez Medeiros Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte – UERN

IDENTIDADES FEMININAS NA OBRA DE JORGE AMADO: UMA ANÁLISE DE “*TERRAS DO SEM-FIM*”

Mateus Henrique da Silva Ricarte¹
Dra. Antônia Sueli da Silva Gomes²

RESUMO

O presente trabalho se propôs a fazer uma análise literária da obra “Terras do Sem-Fim” de Jorge Amado, tendo como foco as personagens Ester e Don’Ana Badaró. Assim, tem-se como objetivo geral analisar o papel da mulher na sociedade rural caracterizada na obra literária “Terra do Sem Fim”, de Jorge Amado e como objetivos específicos, investigar as condições femininas das personagens Ester e Don’Ana, presentes ao longo da obra, com foco no papel que as mulheres desempenham na trama; examinar as características das mulheres na sociedade rural retratada na obra e, compreender a participação das mulheres na comunidade e como essas interações influenciam suas relações familiares. A pesquisa esteve apoiada teoricamente em autores como Rayol (2011), Butler (2018), Vêrges (2020), Berth (2019), entre outros. Através do estudo foi vista a forma de vida dessas personagens, os seus enfrentamentos, a sua força, bem como, refletiu-se sobre a própria forma de vida da época em que a obra foi escrita, considerando aspectos culturais e sociais presentes e representados. De forma sutil, o feminismo mostrou-se através dos papéis de destaque da figura feminina em uma época em que a mulher não ocupava esse lugar e não era vista como protagonista nem mesmo da sua própria história.

Palavras-chave: Terras do Sem-Fim; Ester; Don’Ana Badaró; sociedade rural.

ABSTRACT

This work aimed to conduct a literary analysis of Jorge Amado's novel "Terras do Sem-Fim" (The Land of No End), focusing on the characters Ester and Don'Ana Badaró. The general objective was to analyze the role of women in the rural society depicted in the literary work "Terras do Sem-Fim," and the specific objectives were to investigate the female conditions of the characters Ester and Don'Ana throughout the work, focusing on the role women play in the plot; to examine the characteristics of women in the rural society portrayed in the work; and to understand the participation of women in the community and how these interactions influence their family relationships. The research was theoretically supported by authors such as Rayol (2011), Butler (2018), Vêrges (2020), Berth (2019), among others. Through the study, the way of life of these characters, their challenges, and their strength were examined, as well as reflections on the way of life of the time in which the work was written, considering the cultural and social aspects present and represented. In a subtle way, feminism revealed itself through the prominent roles of women in a time when women did not occupy that place and were not seen as protagonists, not even in their own history.

Keywords: Terras do Sem-Fim; Ester; Don’Ana Badaró; rural society.

¹ Licenciando em Letras Língua Portuguesa pela UERN-CAP. E-mail: mateusricarte@alu.uern.br

² Professora do Departamento de Letras-UERN/Patu; Doutora em Linguística Aplicada pela UNISINOS. E-mail: suelisilva@uern.br

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade brasileira contemporânea está imersa em debates acalorados sobre igualdade de gênero, representatividade e desconstrução de estereótipos. Essas discussões têm sido cada vez mais relevantes e urgentes, permeando diversas esferas da vida social e cultural. No entanto, ao olharmos para o passado, percebemos que essas questões não são novas e já eram objeto de reflexão e análise em décadas anteriores.

Nesse contexto, Jorge Amado, escritor da literatura brasileira moderna, destaca suas obras como um espelho das contradições e complexidades da sociedade brasileira do século XX. Em seus romances, Amado não apenas retrata os aspectos políticos e econômicos do país, mas também mergulha nas complexas relações interpessoais, representatividade rural, incluindo as dinâmicas de gênero.

Um exemplo emblemático dessa abordagem é o romance “Terras do Sem-Fim”, publicado em 1943, no qual Jorge Amado mergulha profundamente nas complexas dinâmicas de gênero que permeiam a sociedade da região cacauzeira da Bahia. Em vez de retratar as mulheres como figuras periféricas ou meramente decorativas na trama, o literato as coloca no centro da narrativa, destacando seu papel fundamental na estrutura social e econômica local.

Ao longo do romance, as mulheres são representadas como agentes ativos, envolvidas em diversas esferas da vida cotidiana, desde o trabalho nos cacauzeiros até a luta pelos direitos das comunidades locais. As mulheres não são retratadas apenas como esposas submissas ou objetos de desejo masculino, mas como indivíduos com suas próprias aspirações, desejos e determinação.

Amado (1943) tece essas representações femininas em meio aos conflitos de terra, poder e amor que permeiam a narrativa, mostrando como as mulheres desempenham papéis cruciais na resolução de conflitos e na busca por justiça e igualdade. Suas ações desafiam as normas de gênero vigentes, destacando a resistência e a determinação das mulheres em um contexto social e econômico, muitas vezes, adverso.

Ao explorar as questões de gênero de maneira sutil e perspicaz, Amado enriquece a narrativa de “Terras do Sem-Fim” e oferece uma visão mais ampla e matizada da vida na região cacauzeira da Bahia. O escritor mostra como as dinâmicas de poder e as relações de gênero estão intrinsecamente entrelaçadas e como as personagens, longe de serem meras espectadoras, são protagonistas ativas na construção e transformação da sociedade em que vivem.

Um olhar profundo da representação feminina em “Terras do Sem-Fim”, à luz dos papéis de gênero na sociedade rural brasileira da década de 1940, busca compreender como as personagens femininas são construídas na obra citada, assim como investigar de que forma essas representações contribuem para a construção de uma narrativa que reflete as dinâmicas sociais e culturais da época.

De fato, no que foi exposto, identifica-se como problema de pesquisa o seguinte ponto: a representação feminina no romance “Terras do Sem-Fim”, de Jorge Amado, proporciona percepções sobre as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade rural brasileira da época, considerando suas diferentes visões sobre os papéis de gênero. Dito isso, utilizaremos questionamentos que são importantes para conduzir a pesquisa: de que forma a obra “Terra do Sem Fim”, de Jorge Amado, reflete as transformações históricas e sociais vivenciadas pelas mulheres na sociedade rural brasileira? qual é a importância da representação das mulheres no livro em discussão para o entendimento das dinâmicas de gênero e poder no contexto rural? como a referida narrativa explora as estratégias de resistência e empoderamento das mulheres na luta por reconhecimento e igualdade na sociedade rural da Bahia? e como a construção da identidade feminina é trabalhada na obra?

Visando responder a esses questionamentos é que este trabalho tem como objetivo geral analisar o papel da mulher na sociedade rural caracterizada na obra literária “Terra do Sem-Fim”, de

Jorge Amado. Para tanto, é necessário definir como objetivos específicos: investigar as condições femininas das personagens Ester e Don’Ana, presentes ao longo da obra, com foco no papel que as mulheres desempenham na trama; examinar as características das mulheres na sociedade rural retratada na obra, investigando as condições de vida, os desafios que enfrentam, como resistem e superam essas dificuldades; e por fim, compreender a participação das mulheres na comunidade e como essas interações influenciam suas relações familiares.

A escolha de "Terras do Sem-Fim", de Jorge Amado, como objeto de estudo é motivada pelo interesse em discussões sobre a complexidade das relações de gênero no contexto rural baiano. Este romance apresenta as personagens femininas Ester e Don’Ana, cujas trajetórias de resistência e empoderamento oferecem uma visão íntima e poderosa das realidades das mulheres do campo na Bahia. Com isso, pretende-se explorar como a narrativa selecionada para este estudo pode inspirar uma compreensão mais profunda e pessoal das questões de gênero e justiça social.

"Terras do Sem-Fim" é uma escolha acadêmica crucial devido ao seu papel como um documento cultural que ilumina os papéis históricos e contemporâneos das mulheres no contexto rural brasileiro. Através das personagens femininas neste romance, pretende-se investigar suas representações literárias e como essas narrativas podem oferecer pontos significativos sobre as dinâmicas de poder, as estratégias de resistência e as questões de igualdade de gênero na sociedade rural. Esta pesquisa visa a contribuir para o campo acadêmico ao utilizar a literatura como uma lente crítica para examinar temas sociais fundamentais.

Diante do que foi exposto, este trabalho busca refletir sobre as representações femininas na obra de Jorge Amado, mas também visa a contribuir para os estudos literários, ampliando o entendimento sobre o papel da mulher na sociedade rural e sua contribuição para as transformações históricas que marcaram suas trajetórias. Esta pesquisa, portanto, apresenta um arcabouço de discussão e reflexão tanto para a academia quanto para a sociedade em geral ao trazer à tona questões cruciais sobre gênero, poder e resistência no contexto rural da Bahia, promovendo assim um despertar para o valor da obra amadiana frente a temática aqui discutida.

A pesquisa visa a discutir o papel da mulher na sociedade rural brasileira, utilizando como *corpus* a obra "Terras do Sem-Fim", de Jorge Amado, para compreender como as representações das personagens femininas na narrativa refletem suas condições, desafios e estratégias de resistência em um contexto histórico específico, à luz dos papéis de gênero. Ao integrar as teorias de Butler (2003), Cesaire (1978) e Paulilo (2016), buscando interpretar a obra, mas também contextualizá-la dentro dos debates sobre gênero, poder e literatura.

Este estudo emprega uma abordagem qualitativa interpretativa, seguindo o viés proposto por Durão (2015), que destaca a interpretação como essencial na pesquisa literária. Segundo o referido autor, a interpretação não se limita a uma busca por significados fixos, mas se abre para as múltiplas camadas de sentido que uma obra como "Terras do Sem-Fim" pode oferecer. Dessa forma, a pesquisa não buscará uma fórmula pré-definida ou uma única verdade, mas explorará as diferentes possibilidades interpretativas proporcionadas pela riqueza narrativa e simbólica dessa obra de Jorge Amado.

Ao adotar essa perspectiva interpretativa, flexível e aberta, pretende-se não apenas desvelar aspectos ocultos e complexos da narrativa, mas também enriquecer o entendimento das dinâmicas sociais, políticas e culturais que permeiam "Terras do Sem-Fim". A obra, conhecida por sua profundidade histórica e sua representação vívida na região cacaujeira da Bahia oferece um terreno fértil para investigar como a literatura pode funcionar como um espelho da sociedade e como as interpretações variadas podem revelar novas perspectivas sobre temas universais como poder, identidade e resistência.

Por conseguinte, esta fonte de pesquisa não somente se compromete em averiguar cuidadosamente o texto literário, vendo também a valorização do processo interpretativo como

uma chave de interpretação essencial para compreender tanto “Terras do Sem-Fim”, quanto o papel transformador da literatura em nossa compreensão do mundo.

A coleta de dados foi conduzida através de uma análise textual minuciosa da obra literária de Jorge Amado, com um foco específico nas representações das personagens femininas, seus diálogos e interações. Esse método de investigação se fundamenta nas teorias interpretativas de Bosi (1988), que sublinham a importância de estabelecer um recorte analítico preciso para a interpretação literária. Desse modo, busca-se identificar os papéis desempenhados pelas personagens femininas em “Terras do Sem-Fim” e ao mesmo tempo compreender como suas vozes e experiências contribuem para a estrutura narrativa abordada na obra. A investigação se estenderá além das características individuais das personagens, explorando seu impacto nas dinâmicas sociais, culturais e de gênero presentes na Bahia cacauêira retratada por Amado.

Ao adotar esse método de investigação, pretende-se revelar as complexidades das relações entre as personagens femininas e seus contextos, bem como contextualizar essas representações dentro do panorama histórico e cultural mais amplo da região. Isso permitirá uma reflexão mais profunda sobre temas universais como poder, identidade e resistência, conforme explorados na obra de Jorge Amado.

A abordagem interpretativa adotada neste estudo se concentrará em identificar e categorizar as diferentes representações das mulheres na sociedade rural brasileira conforme retratadas na obra. O objetivo é explorar como essas representações refletem e questionam as dinâmicas sociais, culturais e de gênero da época em que a narrativa se desenrola.

A partir da análise do conteúdo estudado, este estudo pretende-se investigar os temas emergentes e as interações de poder entre os gêneros que surgem organicamente da narrativa. Isso inclui compreender as características individuais das personagens femininas, como também suas relações dentro do contexto mais amplo da vida rural e das estruturas sociais da Bahia cacauêira.

Dentro do universo de “Terras do Sem-Fim”, o foco está nas interações das mulheres com seu ambiente imediato, olhando questões como suas posições sociais, papéis familiares, e influências econômicas. A intenção é explorar como essas representações não só ilustram a diversidade de experiências femininas, mas também lançam luz sobre as complexas negociações de poder que ocorrem dentro das comunidades retratadas. Este estudo interpretativo visa descrever e compreender as dinâmicas de gênero e as diferentes facetas da vida das mulheres na literatura de Jorge Amado, no romance *Terras do sem-fim*, contribuindo para uma visão mais abrangente das relações sociais e culturais da época.

Ao integrar as teorias mencionadas, a presente pesquisa poderá oferecer uma estrutura sólida para investigar a temática através da literatura de Jorge Amado. Ao seguir uma linha interpretativa e flexível, este estudo pretende contribuir para os estudos literários e para o entendimento das dinâmicas de gênero e poder no contexto rural brasileiro, destacando a importância da interpretação literária como uma forma de reflexão crítica e social.

2 HISTÓRIA, CULTURA E FEMINISMO NA ZONA RURAL DA BAHIA

Esta seção apresenta o referencial teórico desta pesquisa, portanto, traz o embasamento necessário para solidificar a análise posteriormente apresentada. Diante disso, o tópico estudos de gênero e identidades femininas, será apresentado para esta discussão, além dele, o tópico Jorge Amado e o universo feminino em sua obra, também fará parte da base teórica da presente pesquisa.

2.1 Estudos de gênero e identidades femininas

Para iniciar este tópico, importa falar, ainda que brevemente, das diferenças masculinas e femininas impostas social e culturalmente, para trazer luz e compreensão para a continuidade do texto e de suas interpretações e reflexões. Desse modo, importa dizer que tais distinções resultam de um processo histórico que define papéis e expectativas distintas para homens e mulheres, reforçando desigualdades e hierarquias entre os gêneros. Compreender essa dinâmica é essencial para analisar como essas imposições se refletem e são problematizadas nas obras literárias. Para pensar sobre essas questões, interessa entender que:

A maioria das sociedades, inclusive a brasileira, institucionaliza o papel do homem como diferente do papel da mulher no seu discurso social (Graciano, 1978; Mead, 1969; Rocha-Coutinho, 1994). Nas palavras de Rocha-Coutinho (1994), “o papel de cada ator social é sempre desempenhado em interação com o outro, numa relação de reciprocidade e troca” (p.15). Bourdieu (1995), Louro (1995) e Scott (1995) interpretam este jogo como uma “divisão” do mundo a partir das diferenças biológicas, de tal forma que ambos os sexos detêm o poder; um, masculino, público; outro, feminino, privado, ligado ao mundo das mulheres com suas funções maternas e reprodutoras. (Caixeta e Barbato, 2004, p. 211-212).

Esses dois mundos separados e preestabelecidos socialmente, definem as regras do jogo sobre quem faz o quê, quem ocupa qual espaço e quem será bem ou “malvisto” aos olhos da sociedade a partir das suas ações e atitudes. Mesmo que não seja confortável admitir, as coisas ainda caminham dessa forma, embora com menos rigor e com a mulher abrindo caminhos e ocupando espaços que antes não lhe eram confiados, o homem ainda domina a maior parte dos espaços políticos, empresariais, sociais, dentro de espaços coletivos e particulares, frente ao público, ou mesmo em casa, onde a mulher até hoje, é vista como alguém que precisa naturalmente ter funções maternas e reprodutivas acima de qualquer outra. Por isso entende-se também, conforme a análise de (Caixeta e Barbato, 2004, p. 212):

É neste fazer cultural e histórico complexo que os significados de gênero e dos processos de identificação se desenvolvem. Mesmo as mudanças sociais que estão ocorrendo em direção a levar a mulher a adentrar no espaço público com mais frequência e força, não conseguiram alterar, significativamente, o conceito identidade feminina construído ao longo da história da humanidade.

Esse excerto traz à tona a complexidade das construções culturais sobre o que é ser homem e o que é ser mulher na sociedade, evidenciando que esses, não são processos naturais, mas, sim, resultado das construções ideológicas sociais que definem quem exercerá qual papel. Embora as mulheres tenham avançado no sentido de mais ocupação espacial, segue a tensão entre a permanência cultural e o avanço social que é inevitável.

Em “Terras do Sem-Fim” de Jorge Amado, as personagens Ester e Don’Ana ilustram bem esse paradoxo. Ester, ainda que seja educada e moderna, continua sendo definida e ganhando visibilidade por ser bonita e por ser esposa de coronel. Don’Ana, destemida, a frente de seu tempo, tentava e conseguia de diversas formas, se desprender das amarras que mantêm às mulheres fora do controle das situações e presas nas suas limitações domésticas.

Diante da pertinência dessa discussão tão complexa e atual, é que se faz necessário aqui trazer luz a essas questões femininas e sociais também, já que inevitavelmente englobam dentro de si, tantas outras, como a submissão, a criação dos filhos, os cuidados com a casa que são vistos ainda como sendo obrigação apenas da figura feminina.

É por esta razão que a obra de Jorge Amado instiga de infinitas formas no que tange à análise literária e no contexto desse presente trabalho, tem-se a intenção e a curiosidade de discutir e refletir sobre questões das identidades femininas a partir de suas personagens

femininas, a saber: Ester e Don'Ana, que não apenas estão presentes, mas, protagonizam a sua obra “Terras do Sem-Fim” e muito trazem da beleza da literatura brasileira. Sobre a obra, Andrade, (1961, p. 166), afirma:

Terras do sem-fim transcende do romance, é obra de rapsodo e canto de bardo. E nada mais ajustado à natureza poética de seu autor, que aquele desfile heróico de capangas e sicários, de advogados e coronéis, de senhoras românticas e mulheres de má vida, no drama da conquista da mata pelos primeiros latifundiários baianos.

Na obra, há uma diversidade de personagens, que serve como uma espécie de painel social ao ponto que traz coronéis, capangas, senhoras marginalizadas, mulher, advogados, dentre outros, que dramatizam a disputa por terra e poder no Sul da Bahia, onde a narrativa se passa. Já no cenário feminino, campo de destaque nesta pesquisa e bem presente na obra, para que seja mais bem compreendido e teorizado, é importante dizer que:

Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada. (Butler, 2018, p. 14).

A partir dessa afirmação é possível discutir como a sociedade enxerga a figura feminina como fixa e imutável, trazendo a problematização da essencialidade e universalidade feminina, como se nada houvesse fora da estabilidade esperada por uma sociedade que congela o feminismo dentro de limitações, amarras e tarefas com as quais nem sempre se identifica e desprezando as tantas outras experiências e representatividades que podem e devem fazer parte da realidade e do cotidiano da mulher. Essa compreensão de fortalece também conforme (Butler, 2018, p. 18), a partir da:

A urgência do feminismo no sentido de conferir um status universal ao patriarcado, com vistas a fortalecer aparência de representatividade das reivindicações do feminismo, motivou ocasionalmente um atalho na direção de uma universalidade categórica ou fictícia da estrutura de dominação, tida como responsável pela produção da experiência comum de subjugação das mulheres.

Este excerto lembra do perigo de se conferir status universal ao patriarcado já que isto fortalece a ideia de conferir uma base comum às mulheres e reduzir suas experiências a vivências únicas, sem diversidade e que são “vendidas” socialmente como universais, apagando o fato de que essas experiências perpassam por diferenças e desigualdades específicas, cada uma em seu contexto e situação.

Por isso é relevante lembrar, como afirma Vergès (2020, p. 27): “O feminismo decolonial é a despatriarcalização das lutas revolucionárias. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência”. A evidência aqui é a da relevância do feminismo decolonial que visa inserir um processo mais amplo nas lutas e no enfrentamento das estruturas de poder, que são herança do colonialismo, e assim, amplia o feminismo, visando ligá-lo aos processos de emancipação coletiva que são tão necessários e pertinentes.

Importa destacar o que afirma Hollanda (2020, p. 51), ao dizer que “a indiferença diante da violência sofrida pelas mulheres em nossas comunidades como uma indiferença diante das transformações sociais profundas em nossas estruturas comunais, e por isso totalmente relevantes à recusa da imposição colonial”. Por isso é válido o destaque a seguir:

Em Terras do sem-fim, outro exemplo de que a verdade existencial observada no princípio construtivo que dá vida às personagens subjaz o dinamismo objetivo da matéria social pode ser visto na retomada da estetização da simbiose submissão/favor, na qual está ancorada a trama de Raimunda. Com efeito, o enredo que trata da jovem, “que nascera mulata clara, de cabelos quase lisos” (AMADO, p. 80) e que tinha “o nariz chato contrastando com o rosto quase claro” (AMADO, p. 82), é o libelo que atesta a permanência de antigos costumes no Brasil de modernização em curso. Fruto das relações extraconjugais que o velho coronel Marcelino Badaró mantinha com Risoleta, a cozinheira negra, Raimunda é acoplada ao reduto familiar e alçada ao posto de “irmã de criação” de Don’Ana, a filha de Sinhó Badaró - um embuste para disfarçar o arranjo que faz dela uma agregada da casa-grande. (Neto, 2023, p. 18)

Esse ponto mostra que Jorge Amado em sua obra, identifica como a construções dos personagens são capazes de revelar tensões entre a ordem social tradicional e o processo de modernização que o Brasil estava vivendo na época retratada. Além disso, o autor não apenas denuncia, mas também as transforma em matéria estética, à medida que observamos esse trecho que fala da personagem Raimunda, percebemos que a referência à submissão a ao favor aqui expostos, são reflexo da complexidade do ser/viver feminino frente aos paradoxos de uma sociedade em transição. que, mesmo se transformando, insiste na forma arcaica de tratar e enxergar a figura feminina.

A narrativa de Raimunda explicita, de modo simbólico e doloroso, a herança do sistema patriarcal e escravocrata que ainda estrutura as relações de poder e de afeto no espaço rural. A figura da “irmã de criação” funciona como um simulacro de igualdade, um disfarce que mascara a desigualdade essencial entre as mulheres da casa-grande e as das senzalas tardias, agora travestidas de cozinheiras, criadas, amas e agregadas. Raimunda encarna, assim, o sujeito marginal que transita entre dois mundos sem pertencer plenamente a nenhum deles: nem reconhecida como filha legítima, nem totalmente excluída, ela é o retrato da permanência das hierarquias raciais e de gênero que resistem ao discurso de modernização. Sua posição liminar é, portanto, o espelho das contradições do Brasil que busca o “progresso”, mas se ancora em estruturas arcaicas de dominação.

Ao estetizar essa contradição, Amado insere Raimunda num campo de forças onde o destino individual se confunde com o destino histórico. A submissão feminina e a dependência do favor não aparecem como meros dados sociais, mas como expressões de uma sensibilidade coletiva marcada pela violência simbólica e pelo silenciamento. O corpo de Raimunda, descrito em sua mestiçagem, torna-se território de disputa entre o desejo, a culpa e a hierarquia, e, nesse sentido, o autor revela como a modernização brasileira não rompe com o passado, apenas o disfarça sob novas formas de controle. Desse modo, a personagem não é apenas um elemento do enredo, mas uma metáfora viva da persistência das desigualdades que moldam a identidade nacional e o lugar social da mulher no imaginário literário e histórico.

Este fragmento da personagem Raimunda traz reflexões que embasam o estudo feito das personagens Ester e Don’Ana, trazendo a firmeza necessária para sustentar com mais força a caracterização e a construção de suas identidades em toda a obra, a partir das afirmações e confirmações que se conectam ao longo da narrativa de Amado, tornando-se reveladora dos detalhes aos quais o autor se atenta. A construção deste diálogo dá forma, sustentação e serve de fundamento sólido para as questões postas em debate durante todo o trabalho.

A maneira como as mulheres são tratadas é uma questão estrutural e colonial, firmada com bases nas estruturas patriarcais sob as quais o mundo ainda vive, a indiferença discutida nesse trecho, mostra o quanto tudo isso ainda é visto com naturalidade e universalidade, sendo assim, muito importante refletir sobre essas maneiras de ser sociais que insistem em petrificar as funções da mulher e mantê-la apenas dentro dessas limitações às quais ela não precisa pertencer obrigatoriamente.

2.2 Jorge Amado e o universo feminino no romance

Para iniciar este tópico, faz-se necessário discorrer sobre algumas características interessantes sobre a escrita de Jorge Amado, considerando a forma como ele apresenta o universo feminino em sua obra, uma delas é que, como afirma Rayol (2011, p. 89), “a escrita masculina de Jorge Amado não deságua em machismo”. Além disso, “a presença da mulher na obra amadiana é uma constante, uma presença que vai se fortalecendo livro após livro.” Assim, é possível ver a importância dessas personagens em termos culturais, sociais e até históricos ao longo da narrativa.

A representatividade da figura feminina nas obras de Jorge Amado e a forma como ele retrata o feminino dando-lhes papéis de destaque, tem um grande significado dentro da escrita literária já que se trata de um homem construindo e dando espaço amplo para o feminino, tornando-as figuras importantes dentro de suas histórias.

O autor baiano sabia o que essas personagens queriam e ainda que elas não expressassem abertamente esses desejos dentro do contexto do livro – para as personagens do livro –, eles eram compartilhados com o leitor, nas reflexões que Amado fazia sobre o pensamento de cada uma delas. E é por meio dessas reflexões que a voz do autor confronta a voz do sistema. (Rayol, 2011, p. 89).

O que é possível observar nas obras de Amado é o quanto ele conhecia o espaço feminino ocupado pelas mulheres em suas obras. De forma geral, o autor confronta o sistema, o patriarcado e a cultura da época em que escreveu já que as diferenças temporais e culturais são notórias e impossíveis de passarem despercebidas pelo leitor. É possível perceber esse fato também em outras obras de Amado, como é possível confirmar observando por exemplo:

O tratamento da mulher na ficção de Jorge Amado atravessou duas fases diferenciadas. Na primeira, até São Jorge dos Ilhéus (1944), a mulher foi vista como um objeto, de forma machista, talvez não intencionalmente, mas porque o autor estava tão arraigado à visão comum de seu tempo, à subordinação universal das mulheres, que não houve o distanciamento crítico necessário a uma construção em que os papéis feminino e masculino tivessem igual valor. (Rebello, 1999, p. 9).

A figura feminina era nas fases apresentadas acima era ainda muito representada por uma ótica fortemente influenciada pelos valores patriarcais e pela visão tradicional de gênero vigente no tempo retratado nas suas obras, diferenciando o tratamento dado a figura feminina em relação a masculina que de forma alguma, já que não representavam valores iguais.

A obra “Terras do Sem-Fim” de Jorge Amado, objeto de estudo deste trabalho, considerada a obra na qual “o escritor baiano chega a sua máxima realização estética” (Ferreira, 2016, p. 3) carrega histórias de lutas e vivências da figura feminina que muito merecem atenção e cuidado, pois geram debates e reflexões pertinentes no campo literário, além de enveredar por esses caminhos fictícios, porém de mundo real nas terras cacauceiras do sul da Bahia. Para situar um pouco o cenário de ocorrência dos eventos, é válido destacar:

O traçado realista experimentado pelo autor dá forma as existências de sujeitos históricos, delineadas por uma linguagem que recorre ao expediente da objetividade e do psicologismo para desmontar o aparelhamento da maquinaria social, a fim de perscrutar os dispositivos que se baralham lá dentro: o alcance limitado do progresso, as restritas benesses disponibilizadas pelo pulso modernizador, o anacronismo que prega nas relações sociais e trabalhistas o vinco do atraso e a realidade da barbárie social que arrasta os marginalizados para o não-lugar da solidão, do desvalimento e da integralidade inalcançada. (Neto, 2023, p. 4).

A observação que cabe aqui é a questão da exposição dos mecanismos nos quais estruturam a marginalização da sociedade, bem como a sua desigualdade e opressão, assim tem como consequência a impossibilidade de atingir uma integralidade plena por conta da incapacidade de realização dos próprios projetos dessas pessoas. Esses fatores acabam tornando a literatura um instrumento de análise social. Esta observação situa e ambienta também a figura feminina em meio a todo esse aparato de reflexões e tensões sociais. Na discussão dos feminismos, é importante mergulhar um pouco mais fundo e saber pensar de forma coerente sabendo que:

“O feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais do que o gênero”,² lembra Angela Davis. Ele também ultrapassa a categoria “mulheres”, fundada sobre um determinismo biológico, e atribui novamente à noção de direitos das mulheres uma dimensão política radical: levar em conta os desafios impostos a uma humanidade ameaçada de desaparecer. Eu me posiciono contra uma temporalidade que descreve a libertação apenas em termos de “vitória” unilateral sobre a oposição. Tal perspectiva mostra “imensa condescendência da posteridade” em relação aos/às vencidos/as. (Vergès, 2020, p. 21).

Essa discussão traz à tona questões que estão para além da “simples” igualdade de gênero, pois traz consigo a noção dessa luta política ampla, radical e questionadora das estruturas de poder estabelecida a tanto tempo. Não se trata de vitória de um lado e derrota do outro, mas sim de entender e refletir sobre esse universo violento de dominação masculina, onde as existências acabam sendo refletidas à luz da lógica do homem, como bem retrata a obra aqui mencionada.

Na escrita dos textos de Jorge Amado, tem-se as possibilidades de refletir para “pensarmos a respeito da “visão comum” do tempo em que Jorge Amado vivia e em que escreveu seus livros: a visão de que a trajetória aceitável para uma mulher era casar-se, ter filhos, cuidar da casa e da família”. (Rayol, 2011, p. 91). Essas atividades são importantes, mas não apenas para a mulher, antes, são válidas para a sociedade com um todo e, não podem ser consideradas exclusivas da e para a mulher.

Fica claro aqui o destaque para a questão do padrão sociocultural no qual foram escritas as obras de Jorge Amado, assim, o que continua evidente é um imaginário social hegemônico e delimitante do papel da mulher, ligando-a apenas às atividades domésticas e/ou maternas. Por esta razão, essas obras trazem essa possibilidade de refletir e tensionar esses padrões, porém sem esquecer que estes são integrantes da mentalidade patriarcal da época em que foram escritos.

Importante lembrar também conforme Butler (2018, p. 22) que “na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas”, já que a construção discursiva de sexo, também contribui de forma muito eficaz para a sustentação das “normas” estabelecidas socialmente como corretas e aceitáveis, garantindo a permanência dessa estrutura binária.

Apesar disso, Butler (2018, p. 17), também discute a questão de que “noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe”, como se tudo fosse único e universal, desconsiderando as mudanças sociais, temporais, econômicas, culturais e históricas pelas quais toda sociedade passa. Tanto que, sobre isso, é importante pensar sobre o trecho de (Rayol, 2011, p. 96).

Don’Ana Badaró também tirou partido do poder da palavra – no caso, a palavra bíblica, a palavra de Deus – para convencer o pai, Sinhô Badaró, a deixá-la lutar contra Horácio da Silveira. Penso que era isso que o autor baiano vislumbrava: um tempo em que suas leitoras, assim como suas personagens femininas, percebessem o mundo (a

sociedade) machista em que viviam e lutassem de forma bravamente delicada pela liberdade, pela igualdade.

Esse trecho mostra um pouco da forma como Jorge Amado construiu a personagem Don'Ana Badaró, mulher a frente de seu tempo que ultrapassa o papel de submissão tão tradicional conferido às mulheres, utilizando nesse momento, o poder da palavra como forma de resistência e declaração de sua autonomia, ocupando espaço e tendo então, um poder de fala que não era nada comum para a época em que se passa a história.

É importante considerar o fato de que as reflexões presentes em “Terras do Sem-Fim”, exercem um papel por demais importante ao tocar em assuntos que, para a sua época, eram considerados “tabus” pois o normal, natural e aceitável, era que tudo permanecesse como estava, sem alterações no que tange principalmente às formas de dominação majoritariamente masculinas que submetiam as mulheres sem lhes dar muitas chances de ocupar os espaços como já é possível se ver hoje na sociedade.

Amado traz na obra “Terras do Sem-Fim”, um arcabouço de características femininas que merecem destaque e atenção por refletir exatamente como essas figuras eram vistas e como viviam na época de seus escritos, tornado assim a sua obra um relato histórico de formas de vida e de crença presentes na sociedade e em especial, na Bahia, onde essa e outras obras escritas pelo autor se passam.

3 PERSONAGENS FEMININAS EM FOCO: ESTER E DON'ANA

Esta seção se destina a análise dos dados obtidos a partir da interpretação literária embasada pelas teorias aqui utilizadas e focando nas personagens Ester e Don'Ana, protagonistas da obra “Terras do Sem-Fim”, de Jorge Amado. É válido nesse espaço, trazer uma breve, porém importante apresentação das duas personagens de enfoque dessa discussão, antes de adentrar nos demais detalhes.

Ester encarna a face silenciosa e domesticada da mulher no universo do cacau. Esposa de Horácio da Silveira, ela vive aprisionada entre as paredes do lar e as leis não escritas do patriarcado, sustentando com seu corpo e silêncio a ordem social que a oprime. A personagem é o espelho da hipocrisia coronelista: reverenciada como “senhora de respeito”, mas privada de desejo, de voz e de escolha, sua existência é uma forma de resistência passiva, ela sobrevive sem se insurgir, guardando na quietude o peso de uma vida moldada pela honra do marido. Em Ester, Jorge Amado revela o vazio que o poder masculino deixa nas mulheres que aprendem a viver sem si mesmas.

Don'Ana contrasta radicalmente com esse perfil delicado de Ester. Filha única do Sinhô Badaró ela é apresentada como uma mulher forte e destemida que não se intimida ao defender a família e suas terras no universo da economia cacaueira, dominado pela violência e pelo machismo. Sua força e rudeza inicial dão lugar ao encantamento de mulher quando conhece João Magalhães que virá a se tornar seu marido. Porém, esse traço de feminilidade que Amado lhes acrescenta não tira dela a continuidade da luta pelas terras de cacau, sendo um símbolo das disputas que se descortinam no romance, retratando os coronéis e as lutas pela posse no sul da Bahia.

As duas personagens foco desta pesquisa, possuem convergências e divergências que são percebidas ao longo das descrições de cada uma delas, por exemplo, Don'Ana, filha de Sinhô Badaró, ao contrário, é a mulher que arde contra o silêncio, casada com João Magalhães, é forte, destemida e age como o filho homem que Sinhô Badaró queria ter. Ester, desafia o destino que lhe foi imposto ao entregar-se ao amor por Virgílio Cabral. Seu gesto é um grito contra o confinamento moral, uma tentativa de afirmar o próprio corpo e desejo em um mundo que só reconhece a mulher como propriedade. Ester torna-se assim, a figura da insubmissão, bela, trágica e lúcida em sua queda. Sua paixão, embora condenada, é também um ato de

liberdade: uma recusa em aceitar a lógica que transforma o feminino em posse e o amor em contrato social. Em sua destruição, revela-se a crueldade de um sistema que não tolera a mulher que ousa existir fora dos limites do poder masculino.

Dito isso, importa também destacar que os conflitos retratados na obra “Terras do Sem-Fim”, não apenas evidenciam as lutas por terras na Bahia, mas o autor da obra também ilumina o lugar ocupado pelas mulheres da época, ao destacar a sua participação comunitária, familiar e social, além dos enfrentamentos pelos quais elas passam e por suas lutas que são percebidas ao longo da narrativa. Pensando essa análise de forma inicial, cabe aqui dizer:

Personagens femininas escritas por autores masculinos ampliam ainda mais essa representação, pois, por mais que se esforce e que as observe, o autor masculino não está, nem nunca esteve, em posição que lhe favoreça a possibilidade de se fazer satisfatoriamente ciente do pensamento, do sentimento da mulher – de seus medos, sonhos, desejos. (Rayol, 2011, p. 89).

O fato de ter sido escrita por um homem, torna essa obra bastante representativa, não que fosse o contrário caso escrita por uma figura feminina, mas, neste caso, o autor, masculino, acrescenta uma dose de simbologia e significados fortes e necessários para pensar a obra também pelo viés masculino que lhe é dado. Ainda Rayol, (2011, p. 89), continua sua reflexão trazendo luz ao pensamento, à medida que expõe o fato de que:

Fazer uma pesquisa sobre o feminino, seja em que âmbito for, é sempre um desafio se lembrarmos da afirmação de Freud conforme Jones (1989) de que “a grande pergunta que jamais foi respondida e que eu não fui capaz de responder apesar de meus trinta anos pesquisando a alma feminina, é: ‘O que quer a mulher?’”.

A obra “Terras do Sem-Fim”, relata e exemplifica para além de outras coisas, o papel da mulher na sociedade da época em questão, no caso, o ano era 1943. Muito ainda havia de se alcançar, (como ainda há hoje) a respeito da liberdade feminina e seus direitos de escolher o que desejavam ou não para suas vidas, principalmente o que não desejavam, como era o caso de Ester, já que fica claro na obra, que ela não deseja morar na fazenda. Ela demonstrava medo dos bichos e uma desinquietação que denunciaria que nunca se acostumaria com a vida e os costumes rurais que não cultivava em si mesma, como é possível ver no trecho a seguir:

Para que figurinos naquele fim do mundo, naquelas brenhas? [...] Ah! se Lúcia pudesse imaginar sequer o que era a fazenda, a casa perdida entre as roças de cacau, o silvo das cobras nos charcos onde comiam rãs! E a mata... Por detrás da casa ela se estendia trancada nos troncos e nos cipós. Ester a temia como a um inimigo. Nunca se acostumaria, tinha certeza. E se desesperava porque sabia que toda a sua vida seria passada ali, na fazenda, naquele mundo estranho que a aterrorizava. (Amado, 1943, p. 34).

No trecho acima, é possível perceber que a personagem Ester se sente deslocada na fazenda, que não é o lugar onde ela gostaria de estar. Ela, na verdade, tinha medo de permanecer ali, por se tratar de um contexto estranho e desconhecido, além de sentir profundamente a ausência do espaço urbano onde vivia e que representava para ela a civilidade e a sociabilidade que agora se perderam em meio ao cenário que passou a ser sua realidade. A fazenda surge como um espaço de confinamento, onde o silêncio e a rudeza do ambiente contrastam com o ritmo e o brilho da cidade, acentuando sua sensação de isolamento. Assim, o deslocamento de Ester é também simbólico, marcando a perda de um mundo de referências e a imposição de uma vida que não lhe pertence.

“Talvez porque toda a cidade falasse dele em voz baixa, Ester, com certo orgulho e muito despeito, levou o noivado adiante, um noivado feito de silêncios longos nos raros domingos em que ele baixava à cidade e ia jantar em sua casa. Um noivado sem

beijos, sem carícias sutis, sem palavras de romance, tão diferente do noivado que Ester imaginara um dia, na quietude do colégio de freiras.” (Amado, 1942, p. 57).

Apesar de sua aceitação, a forma de vida e todo o resto que Ester encontrava na fazenda, não faziam parte dos seus sonhos e planos já que sua criação, cultura e ideologias foram formadas e fundamentadas no espaço urbano onde foi criada e de onde saiu para ir viver ao lado de alguém com quem ela foi viver por pressão da família.

A obra “Terras do sem-Fim”, de Jorge Amado apresenta as diversas limitações e as imposições feitas às mulheres, inicialmente por seus pais e em seguida pelos maridos com quem se casavam, a vida continha regras das quais elas não tinham domínio, apenas obediência sem contestação, desde a sua juventude:

Elas só tinham para si aquele breve tempo de adolescência. [...] Chegava um dia o pai com um amigo, acabava o namoro, começava o noivado. Se não quisesse, o pai obrigava. Acontecia uma casar com o namorado, quando os pais faziam gosto no rapaz. Mas em nada mudava a situação. Marido trazido, escolhido pelo pai, ou noivo mandado pelo destino, era igual. Depois de casada, não fazia diferença. Era o dono, o senhor, a ditar as leis, a ser obedecido. Para eles os direitos, para elas o dever. (Belline, 2008, p. 5).

Apesar da passagem acima nos dizer que diversas mulheres enfrentavam a pressão para aceitar destinos predeterminados de subserviência e cumprir “quase tudo” conforme suas instruções, o romance analisado demonstra que elas não eram totalmente passivas. As figuras femininas retratadas exibem maneiras de resistência, algumas discretas e outras mais evidentes, que contornam as regras e limitações estabelecidas. Essas táticas variam desde escolhas simples do dia a dia até confrontos mais intensos, evidenciando uma batalha constante pela independência e pela reafirmação de seus desejos. A restrição nas opções, como a falta de liberdade para escolher um parceiro para o casamento, é apenas uma ilustração das pressões que elas enfrentavam. No entanto, a história revela que, apesar dessas limitações, as mulheres procuravam formas de afirmar quem eram e de ter certo controle sobre suas existências, embora isso acontecesse de maneiras variadas. Don’Ana é símbolo de resistência e de determinação frente às imposições da época, como é possível perceber a partir do trecho a seguir:

Don’Ana tinha sim uma doçura, mas não era de fácil percepção. É provável que só o Capitão Magalhães tenha enxergado esse traço nela. Submissão e calma duradoura também não faziam parte de suas características. Quando o pai resolve consultar a Bíblia para decidir se dá ou não a mão de Don’Ana em casamento para João Magalhães, ela, de maneira forte e decidida o enfrenta: “– Diga o que disser, meu pai, eu só me caso com um homem no mundo: é com o capitão. Mesmo que seja sem sua bênção...” (Rayol, 2011, p. 69).

Embora inserida em um ambiente patriarcal e totalmente cercado pela dominação e ordenado masculino, adornado pela obediência e pela tradição, Don’Ana não deixava que esses fatores a dominassem, antes, tinha firmeza em seu caráter e muita autonomia pois enfrenta até o próprio pai quando ele quer interferir na sua decisão de se casar com João Magalhães. Desafiando a autoridade paterna, ela quebra simbolicamente os padrões estabelecidos e desmancha qualquer chance de ser contrariada. Tanto que é importante entender melhor essa personagem por meio de pontos destacados de suas características de acordo com (Rayol, 2012, p.17):

É válido ressaltar três pontos na descrição de Don’Ana: o primeiro é a ligação com a terra, com os “mistérios da terra e das plantações”, o que justifica, ainda que de maneira rasa, a classificação de Don’Ana como uma mulher de terra e chuva. O segundo é o fato de Don’Ana ser uma mulher a frente de seu tempo, operosa não só

com assuntos domésticos como era costume na época, mas com a contabilidade dos negócios de sua família, uma responsabilidade por ela mesma buscada – sem imposição ou necessidade (como nos casos de Linda, Lívia e Dora), diga-se. E o terceiro é a afirmação da esposa de Juca, que dizia que “Don’Ana deveria ter nascido homem” – uma afirmação que não era para ser considerada um elogio e sim, uma reprovação, já que para ela Don’Ana deveria mais era se ocupar de vestidos e toaletes – como se tão somente de vestidos e toaletes pudesse o pensamento de uma mulher ser ocupado.

Don’Ana não era mulher de esperar em casa que as coisas acontecessem apenas por ordens e vontades masculinas. Participativa, tomava decisões e fazia parte da organização, gerenciamento e direção dos negócios, suas características e principalmente a sua personalidade singular, lhe conferia um modo de ser, pensar e agir totalmente distinto das mulheres de seu lugar e de seu tempo.

A resistência de Don’Ana às ordens e decisões de seu pai mostram uma mulher muito à frente do seu tempo, e com uma coragem singular de revelar o que verdadeiramente sente e como gostaria de viver, embora fosse a contragosto do pai e na direção contrária do que suas vontades e ordens patriarcais, tanto que:

Por essas e muitas outras atitudes é que podemos afirmar que se há uma personagem feminina de destaque – ou alguém que se aproxime disso – em Terras do sem-fim esta personagem é Don’Ana Badaró. Uma mulher que não se conforma com a condição secundária imposta à mulher de seu tempo – só de seu tempo? – e se posiciona. (Rayol, 2011, p. 70)

O destaque do exemplo de Don’Ana, convida a reflexão sobre a vida de uma mulher forte e que não se permite dominar e se submeter ao que queria o patriarcado. Ela consegue driblar as imposições sociais e ocupar lugar estratégico de destaque que em geral, não é seu, tanto que mostra seu posicionamento mesmo diante de seu pai, figura patriarcal que, em sua época, deveria e era rigidamente obedecida sem qualquer resistência ou discordância. Ela se mostrava forte, determinada e capaz de dizer o que pensava e sentia. Esse trecho traz a memória o texto de Walsh (2021, p. 193), quando trata de gênero e diz ser:

uma posição que trabalha para deslocar a voz autorizada masculina, tão central na racionalidade Ocidental e para desafiar as posições que “paradigmatizam” e “fixam” o gênero, a sexualidade, a raça e a colonialidade, encobrendo a continuidade dos processos e práticas de dominação, sujeição, violência e vitimização.

Walsh discute aqui a questão da centralidade da voz masculina que se sobrepõe a feminina, apresentando um debate teórico que visa desestabilizar as estruturas hegemônicas de poder que perduram e dominam até os dias atuais, já que os discursos dominantes naturalizam e cristalizam categorias como gênero e sexualidade, além de fixar e legitimar as relações hierárquicas patriarcais. Por esta razão:

Don’Ana só teve lampejos de vaidade quando conheceu o forasteiro Capitão João Magalhães. Para ele colocou um dos vestidos de sair, arriscou fazer um penteado parecido com o que vira em Ester em uma festa em Ilhéus, mas acabou sendo ridicularizada pelo tio, que não estava acostumado a vê-la deixar transparecer sua feminilidade. (Rayol, 2011, p. 69).

A coragem de Don’Ana em ser quem ela realmente queria ser era de fato algo que chamava bastante a atenção. Se arrumar se sentir bonita, não era tão bem-visto nem por familiares nem pela sociedade, pois a cultura, os costumes, e as amarras sociais nas quais as mulheres viviam presas, não permitiam essa demonstração de feminilidade. Já Ester,

conformada com seu casamento, mas ainda envolta em imaginações, é surpreendida por alguém que chama a sua atenção, mas também é capaz de alimentar os desejos dos seus sonhos:

Estava ligeiramente tomada pelo vinho, embriagada também pelas palavras de Virgílio, e seus olhos eram novam ente os trêfegos e sonhadores olhos da normalista dos anos passados. E viram um Horácio transformado num grande porco sujo, igual a um que havia na fazenda e habitava os lamaçais próximo à estrada. E Virgílio surgia como um cavaleiro andante, um mosqueteiro, um conde francês, mistura de personagens de romances lidos no colégio, todos nobres, audazes e belos.” (Amado; 1943, p. 82).

Virgílio Cabral, advogado de Horácio, que chegou em Tabocas e ocupou espaço na casa e na cabeça de Ester, de forma que lhe despertou desejos antigos que já nem imaginava possíveis de serem realizados diante do casamento que vivia e da vida que levava. Homem letrado e idealista que chega ao sul da Bahia trazendo a racionalidade da cidade, mas é tragado pela brutalidade das disputas de terra e pelo amor proibido por Ester. Sua trajetória marca o choque entre o sonho civilizador e a força destrutiva do poder coronelista. As possibilidades de Ester estavam até então, limitadas pela submissão que lhe era imposta viver sem ter chances para se desprender e mudar o rumo de tudo o que ela queria que fosse diferente, já que casou por vontade de seu pai e não da sua própria para ser esposa de Horácio, já que “Ester, sua esposa, tão linda e tão jovem, educada pelas freiras na Bahia, filha do velho Salustiano, comerciante de Ilhéus que a dera, encantado, de esposa ao coronel” (Amado, 1943, p. 33).

É possível notar aqui o uso da mulher como objeto estético e moral, já que há destaque para a beleza e juventude de Ester. Ela é ao mesmo tempo, um ideal procurado por conta de suas características. Educada religiosamente e pronta para obedecer às imposições sociais, ela era a esposa perfeita, por esta razão:

Horácio, um próspero fazendeiro da região, foi buscar em Ester um modelo de mulher para casar. Ela seria a “rainha do lar”, uma mulher para cuidar dele, da casa e dos filhos. Um padrão de elegância e beleza, uma mulher educada. A mulher que não faria vergonha apresentar para os amigos. Era rico e poderia escolher a mulher para casar. Casou com Ester, trouxe-a para o seu mundo. (Fernandes, 2006, p. 10).

Aprisionada em papéis predestinados, Ester se vê envolta na fumaça que tenta, mas não disfarça tudo o que ela precisou deixar para trás a partir do momento que se tornou a esposa do coronel a quem desde então, devia obediência, além de viver sob comportamentos sociais pré-determinados, o fato é que:

Ester se casou com um rico fazendeiro, o coronel mais importante de Ilhéus, dono da maior fazenda de cacau da região. (...) Ester era uma moça educada, estudara no colégio de freira da Bahia, onde aprendera a tocar piano e música, além de falar Francês e era acostumada a ler bons livros. Sua educação era motivo de orgulho para Horácio. (Fernandes, 2006, p. 9).

O casamento de Ester, embora a contragosto, é como se fosse desculpa, justificativa e razão suficientemente aceitável para todas as coisas. Era como se não houvesse nada acima desse fato e dessa decisão. Sua vida, suas prendas, seus talentos, se reduziam ao fato de que era a esposa do coronel, apenas. Diante disso, pensamos:

Discussões apaixonadas se formam em torno da pergunta: estética é empoderamento? Talvez essas discussões pudessem ser reduzidas se entendêssemos os valores que circulam em torno da estética que é inerente à imagem e em que medida a forma com que padrões criados no cerne de uma sociedade plurirracial e patriarcal podem ser fatalmente excludentes e desestimulantes da autoestima de grupos historicamente oprimidos. (Berth, 2019, p. 70).

Com base nessa investigação, podemos notar que a atratividade de Ester em Terras do Sem-Fim não se resume a uma característica visual, mas é um fator que impacta de maneira significativa as dinâmicas de poder ao seu redor. A beleza dela a transforma em alvo de anseio para Horácio, que a "opta" por ser sua companheira, contudo, ironicamente, essa mesma característica reforça mais o papel do homem do que o da mulher, dando ao cônjuge status social e uma sensação de primazia. Simultaneamente, o charme de Ester atua como uma forma discreta de resistência: apesar de suas limitações, ela atrai olhares, influencia escolhas e abre portas para diálogos em um ambiente repleto de normas de gênero.

Ao ser comparada a Don'Ana, um comparativo intrigante aparece: ambas buscam algo que vai além das imposições de suas famílias, da sociedade e das tradições do período em que vivem. Entretanto, enquanto Ester se apoia mais em características como a beleza para ter impacto, Don'Ana brilha por sua atuação direta, astúcia e habilidade de tomar decisões, mostrando uma forma única de poder feminino. Essa análise expõe uma contradição fundamental: a liberdade das mulheres não é homogênea e pode se expressar de maneiras distintas, às vezes de modo evidente, outras vezes de forma discreta, mas sempre restrita por sistemas sociais patriarcais. Dessarte, os percursos das duas personas centrais mostram seus desejos e sofrimentos, bem como as diferentes táticas de resistência que podem ser empregadas em um ambiente historicamente opressivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o papel da mulher na sociedade rural por meio da análise da obra literária "Terras do Sem-Fim", de Jorge Amado. Para tanto, se propôs a investigar as condições femininas das personagens Ester e Don'Ana, presentes ao longo da obra, com foco no papel que essas mulheres desempenham na trama, além de examinar as características das mulheres na sociedade rural retratada na obra, e também, compreender a participação das mulheres na comunidade e como essas interações influenciam suas relações familiares.

Foi vista a força e a coragem dessas duas mulheres que são protagonistas na obra, mesmo com todas as amarras impostas pela sociedade, pelas suas famílias, pela cultura, tempo e história, ainda se mostraram capazes de apresentar alguma resistência e teimar em realizar ao menos um pouco do que de fato eram as suas vontades.

A análise mostrou o quanto essas personagens eram aprisionadas e precisavam se dobrar e obedecer ao que lhes era estabelecido seja inicialmente por seu pai ou posteriormente por seu marido, ainda que este não tenha sequer, sido escolhido por ela, pois era o pai que ditava com quem sua filha deveria noivar, casar e viver, como se suas vidas e sonhos pudessem ser negociados somente para perpetuar os costumes patriarcais dominantes. Apesar desse costume cultural dominante, Don'Ana rompeu esse ciclo ao escolher João Magalhaes como o marido com quem se casou.

Espera-se que, diante da relevância da temática aqui apresentada, este estudo possa instigar novas pesquisas e investigações que complementem e enriqueçam os futuros estudos sobre essa importante obra de Jorge Amado, sobre as personagens femininas e também sobre a própria obra Terras do Sem-fim, já que o romance traz uma narrativa rica em apresentação de todo o contexto histórico local da Bahia, onde o enredo se passa, e também, em trazer à tona diversas das questões sociais que geram as inquietudes necessárias para gerar reflexões pertinentes e também, influenciar futuras mudanças que podem resultar em melhorias na sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Terras do Sem-Fim**. Disponível em: <https://estdaliteratura.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/09/7-terras-do-sem-fim-jorge-amado.pdf> Acesso em: 02 set 2025.
- ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira. **A pecuária no agreste pernambucano**. Disponível em: https://openlibrary.org/works/OL1001384W/A_pecua%CC%81ria_no_agreste_pernambucano?edition=key%3A/books/OL5647509M&mode=all Acesso em: 02 set 2025.
- BELLINE, Ana Helena Cizotto. **Representações do feminino**. Disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/professores/03.pdf> Acesso em: 02 set 2025.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BOSI, Alfredo. **A interpretação da obra literária**. Em: Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Editora 34, 2003.
- CAIXETA, Juliana Eugênia. BARBATO, Silviane. **Identidade feminina: um conceito complexo**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/k7N97NMTq5LRFRNdh6hxZxq/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 12 out 2025.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. **Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários**. Editora D.E.L.T.A 2015. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1i2mP5fDNsy0GK0OBAYxy3sVZ41Jkq8mM/view?usp=drive_vesdk Acesso em: 21 de junho de 2024.
- FERNANDES, Maria Goretti Guedes. **Rainha do lar X Femme Fatale: contraponto histórico-literário entre dois tipos femininos**. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/33817> Acesso em: 02 set 2025.
- FERREIRA, João Paulo. O romance histórico ontem e hoje – fato e ficção em Terras do sem-fim, de Jorge Amado. **Marx e o Marxismo** v.4, n.6, jan/jun 2016.
- HOLANDA, Nestor de. “Terras do sem-fim”. In: MARTINS, José de Barros (Org.). Jorge Amado: **30 anos de literatura**. São Paulo: Martins, 1961. p. 192-193.
- JONES, Ernest. **A Vida e a Obra de Sigmund Freud**. Vol. 2. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 421 Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/501827949/A-Vida-e-a-Obra-de-Sigmund-Freud-Part-1> Acesso em: 21 jun 2024.

NETO, Evandro José dos Santos. O romance como arena de disputas sociais: notas sobre Cacau e Terras do sem-fim. **Revista Crioula** - nº 32 - Jorge Amado: para além dos 90 anos de publicação 2º semestre/2023 Disponível em: <https://revistas.usp.br/crioula/article/view/214914/202114> Acesso em: 04 out 2025.

PAULILO, M. I. **Mulheres rurais**: quatro décadas de diálogo. Florianópolis: Editora UFSC, 2016.

RAYOL, Luciana de Moraes. **Precursoras**: na contramão do óbvio: um estudo sobre as primeiras (e inspiradoras) personagens femininas da obra de Jorge Amado. Belo Horizonte, 2011. 104f.

RAYOL, Luciana de Moraes. **Don’Ana Badaró, mulher de terra e chuva**. Revista do Instituto de Ciências Humanas, v.7, n.7, p. 11 - 22, jan. - jul. 2012.

REBELLO, Janaina Fernandes. **A identidade feminina e a transformação do papel feminino na obra de Jorge Amado, 1999**. 143f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VERGÈS, Françoise [1952–] **Um feminismo decolonial**. Traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WALSH, Catherine. Sobre o gênero e seu modo-muito-outro. **Epistemologias do Sul**. v. 5, n. 2, p. 188-201, 2021. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul> Acesso em: 25 ago. 2025.

AGRADECIMENTOS

À Deus, agradeço primeiramente, pela força que me sustentou nos dias difíceis, pela luz que guiou meus passos e pela serenidade que me permitiu continuar mesmo quando as incertezas pareciam maiores que eu. Sem sua presença, esta conquista não teria sido possível.

À minha mãe, Regiane Silva, minha base e meu porto seguro, agradeço por cada palavra de incentivo, cada gesto de cuidado e por nunca ter deixado que eu desistisse dos meus sonhos. Ao meu pai, Neilson Ricarte, que mesmo à distância sempre torceu por mim, envio minha gratidão pelo apoio silencioso, mas sempre presente.

À minha avó, Maria de Fátima, que sonhou junto comigo este momento muito antes dele se tornar realidade. E ao meu avô, Francisco Luiz, pela força, pelos exemplos e por acreditar no meu potencial. Aos meus irmãos, que fazem parte da minha história e celebram comigo cada pequena vitória, deixo minha gratidão e meu carinho.

À minha tia Aparecida Silva, meu agradecimento mais profundo por ter assumido um papel tão essencial na minha vida. Foi ela quem me acolheu, me orientou e me deu o suporte necessário quando minha mãe precisou sair muito jovem de casa em busca do nosso sustento. Sua dedicação, seu cuidado e sua força ajudaram a moldar quem eu sou hoje. Levo comigo cada gesto de amor, cada conselho e cada sacrifício feito por mim. Minha gratidão por tudo que fez e representa é imensa.

À minha esposa, Aparecida Maia, minha companheira de todas as horas, agradeço profundamente pela paciência, compreensão, apoio e amor. Foi ao seu lado que encontrei forças para continuar quando faltava coragem.

Ao meu primo João Victor, que para mim sempre foi mais que um primo, foi um irmão, um companheiro de vida, alguém com quem dividi sonhos, risadas e planos. A dor da sua

partida tão precoce é uma ferida que o tempo não apaga, e carregar sua ausência é um dos maiores desafios que a vida me impôs. Ainda assim, sigo acreditando que, onde quer que você esteja, continua torcendo por mim com o mesmo carinho, orgulho e amizade de sempre. Este trabalho também é seu. É a forma que encontrei de honrar tudo o que vivemos e tudo o que você significou para mim.

À minha orientadora, Antônia Sueli da Silva Gomes, expresso meu sincero agradecimento pela dedicação, orientação cuidadosa, paciência e por acreditar no meu potencial acadêmico. Aos demais professores que compuseram a banca e contribuíram de maneira significativa para o aprimoramento deste trabalho, deixo meu reconhecimento.

Aos amigos que construí ao longo dessa caminhada acadêmica, que tornaram os dias mais leves, compartilhando desafios, risadas e aprendizados. E também aos amigos que, mesmo não sendo da faculdade, sempre estiveram presentes, oferecendo apoio e incentivo.

Por fim, agradeço aos escritores e pensadores cujas obras inspiraram minha pesquisa e ampliaram meu olhar sobre o mundo, possibilitando que este estudo ganhasse profundidade e significado.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte deste trajeto, deixo meu mais sincero e emocionado agradecimento. Cada um contribuiu para que este sonho se tornasse realidade. Obrigado.